

SESSÕES DO PLENÁRIO

46ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 29 de agosto de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN LULA (1ª SECRETÁRIA)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao patrono brasileiro dos Direitos Humanos, Dom Helder Câmara (*in memoriam*) e ao padre Paulo Maria Tonucci (*in memoriam*), proposta por essa deputada que vos fala.

Convido todos para ouvirmos, de pé, o Hino Nacional.

Por favor, antes de ouvirmos o Hino Nacional, vou compor a Mesa.

Convido o V. Rev.^o Padre José Carlos, que neste ato representa o Arcebispo Dom Murilo Krieger, para fazer parte da nossa Mesa; o V. Rev.^o Bispo em Florença, Itália, irmão do homenageado padre Paulo Maria Tonucci, bispo Dom Giovanni Tonucci; a Sr.^a Defensora Pública, Eva Rodrigues, que neste ato representa o defensor público geral do Estado da Bahia, Dr. Rafson Saraiva Ximenes; o Rev.^o Padre Jorge Brito, representante da Pastoral da Saúde Filhos de Maria e Serva dos Pobres; o Rev.^o Padre Antônio Oliveira, representante do Centro Dom Helder Câmara, Salvador; o Rev.^o Padre Miguel Ramon, presidente do Projeto Ágata Esmeralda Itália e Conexão Vida Brasil; a Sr.^a Presidente da Apito - Associação Paulo Tonucci, Délia Boninsegna; a Sr.^a Diretora Executiva da Cese - Coordenação Ecumênica de Serviços, pastora Sônia Gomes Mota; a Sr.^a Representante da Pastoral Afro e do Capdever, nossa amiga e companheira Roberjane Ribeiro Nascimento; e a Sr.^a Ya Gabriela, que neste ato representa a Mãe Jaciara Ribeiro e os terreiros de Salvador.

Convido, antes da Execução do Hino Nacional, a procissão de entrada neste ato. (Procede-se à entrada da procissão.)

O Sr. Ferdinando Caprini: Então, vamos fazer a invocação dos nossos antepassados. Em primeiro lugar, o primeiro antepassado que queremos lembrar, que celebramos 20 anos de falecimento, Dom Helder Câmara, patrono brasileiro dos Direitos Humanos. Segue padre Paulo Maria Tonucci, que será lembrado especialmente pela defesa dos direitos humanos dos excluídos e marginalizados daqui, da Bahia.

Grande homenageada que queremos lembrar hoje, Mãe Gilda de Ogum, mãe da luta contra a intolerância religiosa.

Invocamos também a presença de Irmã Dulce dos Pobres, pela sua luta pelo direito à saúde para os mais pobres; o Padre Luís Lintner, pela luta dos direitos dos

sem-terra, dos pescadores e dos menores; invocamos a presença, também, de Mãe Stella de Oxóssi, pela sua luta pelo direito à religião e cultura de matriz africana; o Pe. Franco Pellegrini, invocamos a presença dele pela sua luta pelos direitos humanos dos pobres e excluídos; a grande Makota Valdina, pela luta contra o racismo, o machismo e pelo respeito à liberdade religiosa; o nosso grande Pe. Renzo Rossi, pela defesa do direito à vida dos perseguidos políticos, sobretudo, durante a ditadura militar, nos cárceres e na tortura; o Pai Gil da Paz, grande lutador, que conheci pessoalmente, pelo direito à liberdade religiosa ao zelar por todas as religiões; o Pe. Arnaldo Lima, pela luta pelos direitos e dignidade nas Comunidades Eclesiais de Base; o grande mestre Albérico Paiva, pelo direito de zelar a fé nos santos católicos e nos orixás; o Pe. Heitor Frisotti, por promover o diálogo e respeito entre as religiões de matriz africana e cristãs; Dom Timóteo Amoroso, pela defesa do direito à vida dos perseguidos políticos. (Palmas)

Neste momento, vamos fazer 1 minuto de silêncio, pedindo aqui toda a força, a espiritualidade, o espírito, o axé que têm essas pessoas para que possam abençoar esta nossa sessão para que possa, assim, ser um legado para todos aqueles que continuam nos terreiros, nas comunidades, nas pastorais para levarem à frente a grande defesa do direito à vida, dos direitos humanos.

(Faz-se 1 minuto de silêncio.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): E, agora, convido todos a ouvir o Hino Nacional, este hino que, de repente, uma parcela resolveu que é só seu.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

Viva o Brasil! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Podemos sentar-nos.

Como não há outro deputado na Casa neste momento, vou proferir minha fala ali, da tribuna.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN LULA: Bom dia a todas e todos. Muito obrigada pela presença de todos.

Acho esta data marcante para esta Casa, a Casa do povo, a Casa das leis, que neste momento se abre para uma homenagem a tantos líderes, a tantos mártires que deram a sua vida, deram a sua ação, a sua dedicação, e alguns deles a sua própria vida pela luta em prol dos Direitos Humanos, na defesa da sociedade, na defesa daqueles que mais precisam do nosso apoio e da nossa presença. É com muita alegria que a gente conta e vê este plenário cheio de tantas lideranças e tantas figuras importantes.

Queria, portanto, saudar o Rev.^o Padre José Carlos, meu querido pároco, que representa neste ato o nosso arcebispo Dom Murilo Krieger; quero cumprimentar o Rev.^o Bispo em Florença, Itália, irmão do homenageado, Pe. Paulo Maria Tonucci, Dom Giovanni Tonucci, e agradecer por sua presença, pela sua vinda e por estar entre nós; quero cumprimentar a Sr.^a Defensora Pública Eva Rodrigues, que representa o defensor público-geral, Rafson Saraiva Ximenes. Obrigada, Eva, você que sempre está aqui, nesta Casa, também na defesa dos que mais precisam da nossa ação; quero cumprimentar o Rev.^o Padre Jorge Brito, representante da Pastoral da Saúde dos Filhos

de Maria e dos Servos dos Pobres. Obrigada pela sua presença, padre Jorge, parabéns pelo seu trabalho; cumprimentar também o Rev.º Padre Antônio Oliveira, esse líder, essa figura que sensibiliza a todos nós pela sua dedicação, pela sua doação, representante do Centro Dom Hélder Câmara aqui, em Salvador; cumprimentar o Rev.º Padre Miguel Ramon, presidente do projeto Ágata Esmeralda Itália e Conexão Vida Brasil. Obrigada, Dom Miguel; cumprimentar a Sr.ª Presidente da Apito - Associação Paulo Tonucci, Délia Boninsegna. Obrigada, Délia, por sua presença; cumprimentar a Sr.ª Diretora Executiva do CESE - Coordenação Ecumênica de Serviços, a pastora Sônia Gomes Mota. Obrigada por sua presença, Sônia; cumprimentar a Sr.ª Representante da Pastoral Afro e Capdever, minha amiga e companheira de luta Roberjane Ribeiro Nascimento; cumprimentar a Sr.ª Ya Gabriela, que neste ato representa Mãe Jaciara Ribeiro e os terreiros de religião de matriz africana de Salvador.

Já fiz a saudação a todos, mas renovo minha saudação a esta Mesa na pessoa do assessor eclesiástico da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) na Bahia e em Sergipe, e também dos demais presentes; agradecendo ao Pe. Ferdinando Caprini, que sempre está conosco nessa luta, organizando movimentos, ações, audiências nesta Casa, sessões especiais para homenagear os movimentos sociais e, de forma muito especial, os movimentos sociais de ligação com a igreja; e também a minha companheira Roberjane. E em sua pessoa saudamos mais uma vez todos aqueles que estão na Mesa.

Nesses últimos anos, em muitos setores das religiões presentes no Brasil houve retrocessos na promoção dos Direitos Humanos. Assim, sentimos a necessidade de resgatar a memória de lideranças que nos deixaram o legado de fazer da religião um instrumento de promoção de políticas públicas que defendam os direitos dos menos favorecidos.

Fico pensando: o que será que Dom Hélder, patrono brasileiro dos Direitos Humanos – aquele que frisava a necessidade de os privilegiados estarem na luta ao lado dos pobres e excluídos, indicado quatro vezes ao Nobel da Paz, considerado “mensageiro da esperança” – diria a respeito da atual conjuntura sociopolítica no nosso Brasil e em outros países, onde o discurso do ódio é banalizado e praticado por figuras públicas, inflamando a polarização e procedendo a diversas formas de violência, sobretudo contra as minorias.

O que ele, dono da frase: “se discordas de mim, tu me enriqueces”, diria ao ouvir o atual presidente da República dizer que “a minoria tem que se curvar para a maioria”, ou “seria incapaz de amar um filho homossexual (...) prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”, mostrando seu total desprezo aos Direitos Humanos, à empatia, às liberdades individuais, à vida e à diversidade que tanto a enriquece.

(Lê) “Na última terça-feira, dia 27, fez 20 anos que Dom Helder partiu para outro plano. Sua canonização avança no Vaticano. A história o aponta como defensor intransigente do amor, da Constituição Federal, do zelo ao ser humano independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição.

E como será que a história irá tratar as lideranças das mais diversas áreas que defendem retrocessos nos direitos dos trabalhadores, aposentados, viúvas, crianças e adolescentes? Dos que acham que tratar misoginia, racismo e LGBTfobia como crime é mimimi? Daqueles que continuam perseguindo e matando os indígenas, os povos originários de nosso Brasil? Dos que fazem pouco caso da destruição de nossa Floresta Amazônica, que queima e arde por todos os lados, e de nossa soberania em nome de interesses escusos?

E aqueles que – em nome de desejos pessoais, envenenados pela misoginia e pelo machismo – deram um golpe de Estado, contribuindo para a desmoralização da política e abrindo caminho para que o atual cenário de retrocessos diários em relação aos direitos das mulheres, dos trabalhadores, à diversidade sexual e religiosa, à segurança pública, à juventude, ao acesso à terra, ao direito de protestar, dentre outros desmandos que pudessem ser montados?

Como será que Dom Helder, autor da frase: ‘quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista’, reagiria ao tomar conhecimento do crescimento da desigualdade no Brasil pós-golpe de 2016? Dos mais de 13 milhões de desempregados, mais de 28 milhões de trabalhadores e trabalhadoras subutilizados e quase cinco milhões de desalentados? Do esfacelamento das políticas para a redução do déficit habitacional, a exemplo do Programa Minha Casa, Minha Vida? Da crescente quantidade de irmãos em situação de rua? Da redução dos espaços de diálogo e da criminalização dos movimentos sociais? Da perseguição a quem pensa e age fora do padrão hétero, branco e falocêntrico, torturando, desta forma, os diferentes? E da flexibilização do trabalho análogo à escravidão? Do aumento dos conflitos no campo? Das políticas contrárias ao desenvolvimento sustentável? Da limitação de gastos em saúde e educação, por exemplo, durante 20 anos, desrespeitando as reais demandas da população? Como buscaremos respostas para estas perguntas?”

Repito, como buscaremos respostas para estas perguntas? Só na mobilização, só na organização, só na força da igreja, na força das igrejas que aqui estão neste momento conosco, e no dia a dia, e que no dia a dia estão perseguindo a conquista da volta desses direitos já adquiridos pela nossa população.

(Lê) “Tendo sido perseguido publicamente durante a Ditadura Militar no Brasil, como Dom Hélder reagiria ao saber que um candidato a presidente do Brasil afirmou que ‘o erro da ditadura foi torturar e não matar’? E se ele soubesse que esse candidato se tornou presidente e há 2 meses demitiu todos os peritos do Mecanismo Nacional de Combate à Tortura e desconfigurou completamente a Comissão Nacional da Verdade?

Não sei quais seriam as reações dele, mas sei que ele nos deixou um legado de resistência, e isso é imortal.

Assim como o legado do padre Tonucci, também homenageado no dia de hoje, que teve um forte engajamento nos movimentos populares e de promoção dos Direitos Humanos, e por esse motivo não conseguiu a tão almejada cidadania brasileira nos governos militares e nem nos governos de direita que se sucederam...”

Tem muitos aqui, outros mártires, outros que deram a sua vida, mas em nome deles, de Dom Helder e do padre Tonucci, nós homenageamos todos aqueles que foram citados quando da procissão de abertura dos trabalhos nesta Casa.

(Lê) “(...) Para mim, é uma benção poder olhar para todos e todas aqui presentes e saber que, assim como Dom Helder, padre Paulo Tonucci, Irmã Dulce – nossa primeira santa brasileira, que será canonizada no próximo mês de outubro –, mãe Stella de Oxóssi, Makota Valdina, Gilda de Ogum, Dom Renzo Rossi – tive a oportunidade de conhecê-lo, mais próximo –, pai Gil, Heitor Frisotti, padre Franco Pellegrini, Dom Timóteo Amoroso, mestre Albérico Paiva, padre Luis Lintner, padre Arnaldo Lima, dentre tantos outros irmãos de causa, estamos do lado certo da história, que é o daqueles que comungam do pensamento de que política é para libertar e servir.

Para encerrar, relembro mais uma das sábias palavras de Dom Helder Câmara que diz: ‘É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca’.

Agradeço a todos e todas pela presença e peço que continuemos resistindo, juntos. E Lula livre!” (Palmas)

(Pausa)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo agora a palavra a Dom Giovanni Tonucci, bispo em Florença, na Itália, irmão do homenageado, padre Paulo Tonucci. (Palmas)

O Sr. GIOVANNI TONUCCI: (Lê) “Excelentíssimos membros da Mesa, senhores, senhoras e demais presentes, quero expressar aos senhores meu sincero agradecimento por este ato com o qual quiseram lembrar duas pessoas que, embora de maneiras diferentes, foram muito significativas, pois contribuíram para o bem da população desta grande e nobre nação, o Brasil.

Em 1970, vim pela primeira vez ao Brasil para visitar meu irmão padre Paulo e realizar algumas pesquisas que precisava para concluir uma tese em Sociologia junto à Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma. No dia 18 de setembro do referido ano, junto com o padre Paulo, tive a possibilidade de encontrar Dom Helder Câmara em Recife. Tinha o desejo de conhecer seu pensamento naquele período da história do Brasil, marcada por acontecimentos muito dramáticos, ao mesmo tempo em que a imprensa nacional falava dele como o ‘bispo vermelho’, inspirado por ideologias de esquerda e, óbvio, tachado como ‘comunista’. (Palmas)

Fiquei surpreso ao constatar como, apesar de se encontrar no meio de ataques hostis, o pequeno bispo ficava sereno, suas palavras eram medidas, e seu pensamento se expressava com enorme clareza, entretanto, sem nenhum sinal de polêmica ou de rancor. Naquele momento, tive a nítida impressão de alguém que falava não de suas próprias ideias, e, sim,- dos ideais do evangelho, dos quais ele se sentia porta-voz competente e convincente. Pela forma que viveu, defendendo seus ideais, Dom Helder Câmara foi e é conhecido, e respeitado, internacionalmente.

Falarei agora do meu irmão padre Paulo, que, para mim, foi duas vezes irmão, antes de tudo porque nascemos dos mesmos pais e depois porque seguimos o mesmo chamado no serviço ministerial da igreja. Apesar de termos respondido ao mesmo chamado, nossas vidas tomaram caminhos diferentes, mas isso não modificou em nada a profunda comunhão que sempre nos uniu.

Padre Paulo não teve a notoriedade universal de Dom Helder, entretanto sua vida, do mesmo modo, marcou fortemente a história das comunidades nas quais ele serviu com o mesmo espírito de doação evangélica. Quando as autoridades do município da cidade de Fano, na Itália, sua cidade natal, lhe outorgaram a maior comenda de honra, na sua fala ele se descreveu assim: ‘Me senti sempre padre comprometido com a evangelização, ao celebrar a santa missa, ao anunciar a palavra de Deus, ao protestar quando destruíam os barracos nas invasões, ao fazer amizade com os operários, com os desempregados, os estudantes e os professores da universidade. Me senti sempre educador e evangelizador não somente falando, como também fazendo gestos de solidariedade e de libertação.’

O trabalho de padre Paulo foi resumido por ele mesmo com duas palavras: educação e evangelização. Quando se fala de educação, sublinha-se a fundamental missão de cada cristão, e mais ainda de cada sacerdote, que tem a missão de evangelizar. A evangelização é a forma mais alta de educação, aquela que oferece a cada pessoa a perspectiva completa de um projeto de vida, fundamentado no encontro do amor com Deus Pai, o que nos foi oferecido graças à morte e ressurreição de Cristo.

A educação é um instrumento privilegiado por meio do qual os valores da vida podem ser transmitidos às novas gerações, na esperança de que as crianças e os jovens de hoje possam adquirir os instrumentos necessários para conquistar e manter seus ideais e para conseguir vivenciá-los na prática do dia a dia, para o bem de todos. Somente a educação com base nos valores da humanidade, da honestidade, do respeito, da solidariedade poderá obter resultados positivos na prática do bem, extremamente necessários para o mundo inteiro. Pela atenção que uma sociedade dedica à qualidade da educação oferecida nas suas escolas, pode-se perceber quais são as intenções para com seus cidadãos: se quer promover neles a liberdade de pensamento e de ação, e a consciência daquilo que é justo e verdadeiro, ou, ao contrário, se quer mantê-los subordinados aos limitados interesses de uns poucos.

Com emoção, vi padre Paulo representado em um vitral da Igreja de São Thomaz de Cantuária, hoje Catedral de Camaçari. Fiquei também orgulhoso ao saber que duas escolas, em Camaçari e Itabuna, receberam seu nome, como também uma rua em Camaçari.

Enche-me de esperança acompanhar o trabalho desenvolvido pela Associação Paulo Tonucci (Apito), que tem como finalidade oferecer uma educação global aos jovens para fazer destes novos homens e novas mulheres. A irmandade que une, com iniciativas de cooperação, a Apito no Brasil com algumas escolas na Itália cria uma corrente positiva de cooperação no campo da educação.

Não sei se todos aqui presentes sabem o quanto padre Paulo desejou obter a cidadania brasileira no sentido de se identificar ainda mais com o povo com o qual, e

pelo qual, trabalhava e se sentia verdadeiramente unido, mas lhe foi negado, e sabemos as razões. A decisão tomada contra ele o amargurou muito, sobretudo pela falsa justificativa, totalmente inaceitável, dada naquela época. Mas sinto que esse gesto e esta homenagem podem, de algum modo, corrigir aquela decisão injusta, que o entristeceu e o humilhou, mas também manifestou a mesquinhez daqueles que a fizeram.

Agradeço mais uma vez, partilhando com todos o desejo e a esperança de que os ideais vividos por Dom Helder Câmara e por padre Paulo Tonucci possam continuar vivos e se tornarem estímulos para uma nova arrancada na construção de um Brasil mais justo e solidário.

Obrigado.” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Obrigada, Dom Giovanni.
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra agora à Sr.^a Délia Boninsegna, presidente da Apito, a Associação Paulo Tonucci, para a sua fala.
(Palmas)

A Sr.^a DÉLIA BONINSEGNA: Bom dia a todos, eu quero corrigir, fazer uma pequena correção: é “Apito”, “Apito”, de apitar, o nome da Associação Paulo Tonucci. É justamente o legado que Paulo deixou, a gente quer espalhar para o mundo inteiro, não somente o Brasil, mas o mundo inteiro. E dentro das palavras de Maria del Carmen e de monsenhor Giovanni, hoje eu me faço porta-voz de Paulo, que escreveu não somente no computador, mas escreveu, sobretudo, com a vida dele. Em 1986, ele recebeu uma homenagem como cidadão soteropolitano, já que não recebeu a nacionalização.

Eu vou ler agora, me faço porta-voz da palavra de Paulo, que me parece ser uma palavra profética, sobretudo para os dias de hoje: (Lê) “É com muita emoção que recebo nesta noite o título de cidadão da cidade de Salvador. Agradeço vocês, senhores vereadores, e vocês que vieram até aqui para participar comigo desta alegria.

No mês de novembro de 1965 cheguei em Salvador, respondendo ao apelo de Cristo e comecei a ficar fascinado por esta cidade cheia de beleza e de mistérios que ainda perduram, apesar de todas as tentativas de seus administradores no sentido de desvirtuar a paisagem e a arte colonial. Cheguei aqui e devagar devagar comecei a entrosar-me com o povo da periferia, convivendo com seus dramas, problemas, alegrias.

Descobri um povo com grandes potencialidades de humanidade, de cultura, que dificilmente podem ser definidas a não ser com a palavra que caracteriza tudo isso e que para nós é motivo de orgulho: SER BAIANO.

Nesta cidade mora um povo acolhedor, que apesar do racismo da cultura dominante, soube fazer a síntese das três raças, das três culturas: a negra, a europeia, a índia. Convivi com este povo. Vim para transmitir a mensagem de Cristo, a mensagem do amor, mas devo reconhecer que recebi muito mais porque este povo já vive a mensagem de Cristo no seu misticismo, na sua religiosidade, nas suas crenças...

Apreendi a beleza da amizade, do acolhimento, da família. Convivi com este povo e tive a honra de participar de suas lutas. E se, neste momento estamos aqui reunidos não é só para festejar um estrangeiro que se sente baiano e que se torna cidadão dessa terra, a nossa presença aqui é sinal de protesto.

Quando em 1982, no tempo da abertura democrática lenta, gradual, progressiva, recebi a resposta negativa ao meu pedido de naturalização, dava para entender que a abertura ainda era muito tímida. Quando, neste ano, já na vigência da Nova República, recebi o segundo veto ao renovado pedido de naturalização, ficou claro que a democracia ainda é só uma palavra e o chamado entulho autoritário permanece firme em Brasília.

Um dos motivos para não me conceder a naturalização foi o apoio que dei aos ‘invasores’ do Marotinho. Minha participação na época foi de apoio, não de incentivo.

As famílias do Marotinho ocuparam a área entre Fazenda Grande e São Caetano, incentivadas não por um padre, mas pela miséria, pelos baixos salários, pela especulação imobiliária, finalmente pela política do governo. Se no Marotinho houve incentivadores da invasão, estes foram as autoridades que provocaram e continuam provocando o êxodo rural e não dão condições mínimas de vida à grande massa de moradores das cidades. Na Bíblia está clara a opção de Deus pelos pobres: “ai de vós, que ajuntais casa a casa, e que acrescentais campo a campo até que não haja mais lugar e que sejais os únicos proprietários da terra” (Is. 5,8).

No evangelho de Mateus, Cristo diz: ‘...Afastai-vos de mim, malditos!...pois eu estava com fome e não me destes de comer, estava com sede e não me destes de beber; eu era forasteiro e não me recebestes em casa...’, hoje poderíamos acrescentar: estava sem casa, sem emprego, sem transporte, sem garantias políticas, sem garantias de emprego, e vocês o que fizeram? O apoio ao povo do Marotinho, aos desabrigados da chuva, às lutas contra a carestia, para uma verdadeira democracia foi e é consequência da fé no Cristo presente no irmão, resposta ao desafio que a cada dia recebemos do rosto de Cristo, desfigurado no rosto dos marginalizados na periferia das cidades, que passam fome, enquanto olham o luxo dos ricos: desfigurado no rosto dos subempregados e desempregados, despedidos do trabalho pelas empresas, que visam o lucro antes de tudo e não se importam com os trabalhadores e suas famílias. Rosto de Cristo desfigurado nos rostos dos jovens frustrados no interior e nos bairros periféricos desta cidade, que estão sem vez na escola e no emprego. Rosto de Cristo desfigurado nos rostos dos velhos, cada dia mais numerosos, marginalizados pela sociedade do progresso porque eles não produzem mais e assim não servem mais.

Rosto de Cristo desfigurado nos rostos das mulheres consideradas inferiores ao homem, marginalizadas, desempregadas, que ganham menos do que o homem no mesmo trabalho, obrigadas a se prostituir para poder sobreviver, simplesmente consideradas objetos de prazer. Rosto de Cristo desfigurado nos rostos dos índios, os poucos que restam, vivendo em situação desumana e ainda expulsos de suas terras. Nos rostos de negros marginalizados em vida desumana, que podem ser considerados os mais pobres entre os pobres. Rosto de Cristo desfigurado nos rostos de posseiros expulsos de suas terras por parte dos grandes proprietários que querem aumentar seus

latifúndios; rostos de camponeses que não têm terra, que vendem seu trabalho por nada; rostos de operários, quase sempre com salários baixos, impedidos de se organizar em defesa de seus direitos.

O compromisso pela justiça, a favor dos direitos humanos, é consequência do nosso cristianismo, da nossa fé.

Outro motivo para não receber o título de cidadão brasileiro foi a elaboração de um boletim das comunidades considerado subversivo.

Durante todos os anos que passei em Salvador, trabalhando nas comunidades de Fazenda Grande, Fonte do Capim, Marotinho e outras áreas vizinhas, procurei favorecer a conscientização e a organização independente do povo.

Cristo outrora abriu os olhos dos cegos, hoje nós temos a obrigação de ajudar as pessoas a enxergar suas situações, a perguntarem-se sobre o porquê isto está acontecendo, a organiza-se de maneira independente para defender seus legítimos interesses. Também essa atividade, genuinamente cristã, chamou a atenção das autoridades, pois é muito mais fácil *dominar* um povo quando ele é ignorante, quando não enxerga sua dignidade, quando não conhece seus direitos, e por isso não sabe se defender.

Essa atividade continua chamando a atenção, hoje como ontem, porque as autoridades podem mudar de pessoas e de coloração política, mas não mudam suas atitudes autoritárias. Dois mil anos atrás, uma moça da Galileia dizia: ‘Deus derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.’ (Lc. 1,52). É um desafio lançado a todos nós cristãos sempre lutarmos para que essas palavras se tornem realidade, e para que nunca aconteça que os que estavam na oposição, oprimidos, um dia se tornem, na situação, opressores de seus irmãos. O desafio que nós recebemos impulsiona cada um de nós a nunca ficarmos satisfeitos com as coisas que estão por aí. É normal que nós cristãos estejamos sempre na oposição, pois o projeto que temos, o Reino de Deus, supera sempre as várias realizações.

Agradeço a concessão do título de cidadão soteropolitano, que muito me honra, e aproveito do momento para mim tão importante, para afirmar que dedico esse título a tantos lutadores anônimos que com seu sangue, seu suor, estão construindo uma sociedade nova. Este título pertence a eles. Quero só mencionar dois amigos: Eugênio Alberto Lyra Silva, advogado do Sindicato dos trabalhadores Rurais de Santa Maria da Vitória, assassinado no dia 22 de setembro de 1977, por grileiros a mando de fazendeiros da região, por sua atuação em favor dos pequenos. E Alcebiades Ferreira Couto, líder do Marotinho, que no início do ano passado foi barbaramente espancado e baleado pela polícia, e até agora se encontra imobilizado na cama. Esse crime também continua impune.

A esses dois meus amigos e irmãos, e a tantas vítimas do autoritarismo, da violência, da corrupção dedico este título que me é concedido. Diante deles e diante de vocês, irmãos de Fazenda Grande, da Fonte do Capim, do Marotinho, em Salvador, e de vocês irmãos de Camaçari, que estão aqui presentes, renovo o meu compromisso com a justiça.

Não estou arrependido por tudo que fiz a favor do povo. Tendo oportunidade, faria o mesmo. Queiram ou não queiram as autoridades continuarei a estar na verdadeira oposição, criticando, esclarecendo e orientando, para que as nossas cidades possam tornar-se cidades de homens livres onde os cidadãos sejam sujeitos de sua história e autores do seu próprio futuro.

Muito obrigado.

Paulo Maria Tonucci.

Em junho de 1986”. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Convido agora para apresentar seu testemunho a Sr.^a Maria das Graças, pelo tempo de 5 minutos. Depois Amélia Lima, por mais 5 minutos

A Sr.^a MARIA DAS GRAÇAS: Bom dia. Saúdo todos os membros da Mesa e todos aqui presentes. Ao chegar aqui fui pega de surpresa para falar algo sobre o padre Paulo, mas após ouvir o seu irmão D. Giovanni descrever quem foi padre Paulo e depois de Délia falar também sobre um testemunho próprio de padre Paulo, que foi o discurso dele quando recebeu a homenagem na Câmara de Vereadores de Salvador, o que me resta dizer? Tudo aquilo que D. Giovanni falou sobre como era o padre Paulo nós vivemos em Camaçari pessoalmente. Eu convivi com o padre Paulo os 13 anos em que ele esteve em Camaçari. Não é apenas um discurso aqui, aquilo foi a minha vida de jovem, pois quando ele chegou em Camaçari nos abraçou.

Quem é Camaçari? Camaçari, a sede do Polo Petroquímico, é uma cidade rica, porém com o seu povo pobre, com todas as dificuldades. E padre Paulo, ao chegar, uma das primeiras coisas que ele fez foi abraçar a juventude. Abraçar a juventude como? Para nos formar bem. Era um momento em que o Brasil passava por bastantes dificuldades e nós precisávamos lutar pelos nossos direitos. E tudo hoje que eu sou, em grande parte, agradeço a padre Paulo, porque nos ensinou a lutar pela dignidade, pelos direitos, pela fraternidade. Ele viveu isso e nós vivemos com ele em Camaçari.

Então, toda a geração que com ele viveu somos fortes, lutadores, não desanimamos nunca, embora as dificuldades sejam enormes e muitas vezes voltam, como estamos hoje vivendo no Brasil e em Camaçari não é diferente, todas essas dificuldades... Nós aprendemos a não abaixar a cabeça. E ele dava não só o exemplo, mas a teoria, cursos, nos ensinava, nos reunia nos finais de semana para nós falarmos.

Um outro grande vetor também da sociedade, os operários. Quantas vezes o padre Paulo abriu aquela igreja? Porque em Camaçari não tinha espaço para reunir grande número de pessoas, a igreja era o lugar para discutir os direitos dos trabalhadores. Quantas vezes as grandes greves do Polo Petroquímico não tinham onde se reunir? Era a igreja, e aí para as autoridades era o padre vermelho, era o padre comunista, mas para nós era um grande exemplo.

Agradeço a vida de padre Paulo em Camaçari e todas as vezes que entro na Catedral, como foi colocado, onde tem a fotografia dele com seu grupo, é como se ele

estivesse vivo e às vezes eu me pergunto: se ele aqui estivesse, neste momento que o Brasil passa, o que ele estaria fazendo? Com certeza nos incentivado a lutar, a lutar pela nossa dignidade, a lutar pelos empregos, a lutar por todos os direitos do ser humano, que estão sendo tirados e nós não podemos deixar.

Os que vivemos com padre Paulo, nós de Camaçari devemos continuar essa luta, lutando pelos benefícios principalmente dos menos favorecidos. Padre Paulo ficou como vigário em Camaçari, apenas ele da sede, em grande parte, também, no distrito de Monte Gordo, mas jamais ele cruzou os braços ou disse que era muito grande para ele, muito pelo contrário, ele nos ensinou a dividir, a estar sempre com ele. Se ele não podia estar presente em algo, aqueles que ele já tinha colocado na liderança iam partilhar com ele e isso realmente nos fez fortes.

Olho aqui, também, alguém estava nesse momento, Bira Corôa, que conosco foi uma grande... e eram professores...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) eram os nossos... todos, a juventude, amigos e as comunidades carentes de Camaçari, todos com padre Paulo.

Por isso, viva padre Paulo e vamos à luta por um Lula livre! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Registrar a presença, para mim continua sendo deputado, do ex-deputado Bira Corôa que conheceu padre Paulo de perto, pode dar seu testemunho, também.

Convido, então, portanto, Amélia Lima para dar seu depoimento, seu testemunho.

A Sr.^a AMÉLIA LIMA: Muito obrigada, agradeço a oportunidade de vir aqui falar um pouco...

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Se eu pedir para aumentar o som, por favor...

A Sr.^a AMÉLIA LIMA: (...) agradecendo a oportunidade que me foi dada de vir até aqui para dar um testemunho em memória. Que bom a Bahia não esquecer uma pessoa que sempre trabalhou para o seu desenvolvimento.

Quero agradecer a deputada Maria del Carmen por esta iniciativa de homenagear dois líderes que trabalharam em prol do desenvolvimento da pessoa humana.

Eu conheci o Padre Paulo quando chegou. Chegou aqui muito novo, vindo da sua terra, Fano, e veio trabalhar, veio nos ajudar, dar um pouco de si para o nosso desenvolvimento. Trabalhava sempre naquelas comunidades pobres, eu tive oportunidade de acompanhá-lo.

O objetivo do padre Paulo era promover, ajudar as pessoas a crescerem, ele não trabalhava para, padre Paulo trabalhava com, ele trabalhava com as pessoas, o que era bem diferente de trabalhar para. Então, visitando aquelas comunidades ele sentia, ele via de perto as suas necessidades e ele não dava, não dava nada pronto, ele sempre preparava as pessoas para buscar os seus direitos.

Hoje, chegando aqui eu fico feliz e agradecendo a oportunidade que foi dada aos senhores para rever a memória de duas pessoas que trabalharam para o desenvolvimento. Esses dois líderes não deram pronto, nós tínhamos reuniões nas comunidades, nós tínhamos trabalho de educação, preparando sempre líderes para assumirem o seu papel na comunidade.

Então, hoje, quando eu vejo a nossa companheira trazendo o resultado, isso aqui é produto do padre Paulo. Padre Paulo morreu, mas deixou uma semente, o que nós temos que fazer é cultivar essa semente e continuar a sua caminhada.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Obrigada pelo seu testemunho.

Concedo a palavra ao presidente do Projeto Ágata Esmeralda Itália e Conexão Vida Brasil, padre Miguel Ramon. (Palmas)

O Sr. MIGUEL RAMON: Saudar toda a mesa, toda a Assembleia aqui presente, tem muitas pessoas aqui que vão falar muito melhor do que eu, podendo dar um testemunho de padre Paulo.

Eu conheci padre Paulo por pouco tempo, quando era jovem, relativamente jovem, chegando aqui no Brasil em 1983. Consegui perceber em Paulo essa grande paixão, como já foi colocado pelo seu irmão, Dom Geovanni, paixão pela educação e evangelização. Tinha em mãos alguns livros e livretos escritos por ele, justamente ajudando a divulgar o conteúdo evangélico, o conteúdo da Bíblia para as pessoas das periferias, dando acesso às pessoas menos letradas para ter acesso à mensagem central da Bíblia, que é uma mensagem de libertação, uma mensagem de crescimento humano.

Podia ler nos escritos de Paulo essa preocupação. E algumas pessoas aqui já testemunharam a preocupação com a educação. A preocupação é formar pessoas para que possam ser instrumentos, agentes de uma sociedade nova. O projeto Ágata Esmeralda nasceu justamente com essa preocupação tão grande na educação das crianças, das famílias mais pobres nas periferias.

Padre Paulo foi aquele que ajudou a criar esse projeto Ágata Esmeralda na Itália. Era grande amigo do professor Mauro Barsi, fundador desse projeto. E foi ele que deu um pouco a base filosófica, antropológica, evangélica a este projeto, que começou a trabalhar aqui na Bahia, no início dos anos 90. Estamos no Brasil que em 89, 87 lançou a campanha da fraternidade com o tema sobre o menor. E o Estatuto da Criança e do Adolescente nasceu na mesma época, no início de 91.

O projeto Ágata Esmeralda foi concebido com essa base de educar. Não foi um projeto só, digamos, assistencialista. Mas um projeto que queria que as crianças e adolescentes de hoje se tornassem amanhã os protagonistas de uma nova sociedade. Essa é a herança da visão, com certeza, de Paulo Tonucci. Porque a gente percebe que numa distância de tantos anos, a situação real não mudou muito de quando escutei as palavras de Paulo Tonucci. Estamos vivendo a mesma situação.

Eu estava lembrando de uma parábola do escritor dinamarquês, Søren Kierkegaard, que conta uma história que é muito atual nesse sentido. Porque é a história de um palhaço de circo. E certo dia o circo pega fogo, o palhaço corre para a aldeia vizinha. Hoje não é só a Amazônia que pega fogo. Tem grandes incêndios que já nasceram muitos anos atrás: falta de educação, falta de habitação, falta de respeito às diferenças, a discriminação racial, a discrepância social. O Brasil é um país que continua dividido.

E o circo pegou fogo, o palhaço foi correndo para a aldeia, para o povoado vizinho dizendo: “O Circo pegou fogo! O circo pegou fogo!” Todo mundo dando risada, não acreditando porque era um palhaço que estava falando. E o fogo cresceu, o fogo cresceu, saiu do circo e atingiu o povoado. Muita gente morrendo, muita gente ficou no fogo.

Assim acho que Paulo, como Dom Helder, como a gente celebrou esta semana esses grandes bispos da Igreja do Brasil, Dom Luciano, Dom Pelê, e outros tantos daquela geração, os cardeais Lorscheider, Dom Paulo Evaristo Arns, lutadores por uma igreja comprometida com a justiça social, com a defesa dos direitos. De certa forma, nós poderíamos dizer que eles já anteciparam de alguma forma aquilo que o Papa Francisco nos últimos anos, desde que chegou ao governo, tem proclamado. O grande pensamento do Papa Francisco é que a igreja tem que estar perto dos pobres. Eu vejo isso em todos os documentos da igreja, aqui também no Brasil. A igreja fala dos pobres, tem que ser uma igreja pobre para os pobres. Na prática estamos muito longe de estarmos junto aos pobres... (Palmas)

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) O Padre Paulo foi uma dessas pessoas que estavam junto, como já foi testemunhado aqui, junto aos pobres. Que nós todos possamos continuar seguindo, inclusive, o Papa Francisco.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Obrigada, Padre Miguel Ramon.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Ouviremos o testemunho agora do Sr. Gino Tapparelli. (Palmas)

O Sr. GINO TAPPARELLI: Bom dia, prezada deputada Maria del Carmen e todos os senhores.

Muitos falaram de Padre Paulo. E eu queria fazer só uma pergunta que a professora Gracinha falou: O que é que o Padre Paulo iria dizer para nós hoje? Qual seria a mensagem que ele teria para nos dar?

A lembrança desses dois personagens, Padre Paulo e Dom Helder Câmara, traz consigo tempos tenebrosos, obscuros, como costumava chamar Hannah Arendt. Estávamos durante a ditadura militar. Mas os cursos e recursos da história continuam. E me pergunto agora qual é o significado de Padre Paulo para os dias de hoje.

(Lê): “Gostaria de citar somente um exemplo que, para mim, resume o pensamento de Pe. Paulo: a importância da União.

Nos seus desenhos, nas suas cartilhas e nos seus escritos, nos seus livros sempre está presente essa ideia.

Encontramos disso um exemplo na sua atuação no bairro do Marotinho Velho e do novo Marotinho. Estamos, portanto, em março dos anos de 1976, período de ditadura militar, o Prefeito de Salvador era nomeado pelos militares. Um grupo de famílias ocupa a Baixa do Marotinho na Fazenda Grande do Retiro. Pelo Prefeito e pela Justiça daquele tempo tratava-se de invasores. O Diário Oficial do dia 25 de dezembro de 1975 elenca os nomes desses invasores. Para Pe. Paulo não são invasores, mas cidadãos brasileiros que lutam pelo direito à moradia.

Qual foi a atuação de Pe. Paulo? Ele une representantes da Igreja na pessoa do Cardeal D. Avelar Brandão Vilela e de Dom Timóteo Amoroso Lima, figura histórica do Mosteiro de São Bento, convoca a imprensa local e nacional, apela aos políticos da oposição, recorre à OAB - Ordem dos Advogados da Bahia que designa a pessoa de Dr. Adelmo Oliveira, convoca os Professores e através dos professores os alunos da Universidade Federal da Bahia, apela à Ordem dos Arquitetos da Bahia.

Essa união sai vitoriosa, os moradores conseguem um terreno, doado pelo Governador, na Estrada Velha do Aeroporto, Km 05. A partir daí Pe. Paulo acompanha aqueles moradores, toda segunda-feira se reúne com eles, fundam a Sociedade de Bairro, constroem as casas em sistema de mutirão; conseguem as escrituras dos lotes, de invasores se tornam donos de um terreno de 8 x 18 metros.

Para Pe. Paulo só a união cria poder, pois ‘a forma extrema do poder é o TODOS contra um, assim como a forma extrema da violência é o UM contra todos,’ E naquele tempo ‘todos’ eram os povos, essas organizações; e ‘um’ era o prefeito.

“É nesse sentido que Pe. Paulo se torna um clássico, porque um clássico é o autêntico intérprete da época em que viveu e que se torna sempre atual. Há o clássico escritor, poeta, cantor, pintor, etc. e há o clássico político, agente social e sacerdote. Esse foi Pe. Paulo. Um exemplo para esses nossos tempos tenebrosos.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Queria fazer uma correção. Dom Giovanni é Bispo Emérito de Loreto, e não de Florença.

Queria agradecer a presença do Frei Eduardo Damasceno; do Frei João Vítor, da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora de Pau da Lima; do Frei Jefferson, da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, também de Pau da Lima; de Cláudio Primo, meu querido amigo da Paróquia Conversão de São Paulo; do Frei Eduardo Damasceno, de Pau da Lima; de Luciano Bernardi, Frei Franciscano da Comissão Pastoral da Terra; Padre Cezar Dias, meu querido amigo, Padre Cezar, lá da região da Paróquia Conversão de São Paulo; Irmã Meire Elizabeth, do Instituto Irmã de Santa Cruz, da CEBI, também Conferência dos Religiosas da Bahia/Sergipe, Centro de Estudos Bíblicos, Coordenação de Estudos Bíblicos; Padre Luid Carrescia; Adolfo Neto, assessor

especial da Secretaria de Meio Ambiente, representando o secretário, obrigado, Adolfo, pela presença; José Tito, gestor de turismo da Secretaria de Turismo, representando a Secretaria de Turismo; Luanda Machado, minha querida amiga da Secretaria de Educação, representando o Secretário Jerônimo Rodrigues; Glauco Chalegre, assessor especial da Fundac, representando a nossa diretora-geral, Regina Affonso; Frei João Vitor, da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, de Pau da Lima.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra ao Padre Antônio Oliveira, do Centro Dom Helder Câmara de Salvador. Não sei se o Padre Oliveira vai falar direto ou vai falar o Sr. Eduardo Hoornaert. (Palmas)

O Sr. ANTÔNIO OLIVEIRA: Meus amigos, minhas amigas, em nome do Centro Dom Helder, que nós ajudamos a criar no final da década de 80, Dom Helder ainda era vivo, me pediram para dizer umas palavras sobre Dom Helder com relação aos direitos humanos.

E aqui está conosco o Eduardo Hoornaert, que é historiador, foi professor aqui da Universidade Federal, e ele conviveu com Dom Helder 16 anos. Eduardo, num livro, quando Dom Helder completou 90 anos, escreveu um depoimento e em um momento disse que Dom Helder é uma lição de liberdade, e a liberdade é a fonte de sua exuberante originalidade.

Dom Helder não se acomodava nas questões administrativas, ele não gostava de rotinas paroquiais. Então, o Eduardo disse que Dom Helder é uma lição de liberdade, e a gente tem um símbolo de liberdade hoje que é o Lula Livre.

Eu convidei o Eduardo, que conviveu com Dom Helder durante 16 anos, lá no Recife, para que ele desse um testemunho aqui sobre Dom Helder e a sua luta pelos direitos humanos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Por favor, professor Eduardo.

O Sr. EDUARDO HOORNAERT: Bom dia, já foi dito muita coisa, muita coisa de muito valor e a impressão que eu tenho de Dom Helder é que ele é um oceano. Não dá para falar sobre ele em poucas palavras. O padre Oliveira falou de liberdade.

Eu queria só apontar três coisas: a primeira coisa é dirigida para a geração jovem. Estamos diante de uma grande tarefa que está apenas começando agora que é ler o que Helder Câmara escreveu durante muitos anos. Cada noite uma circular, uma carta.

Hoje nós temos aqui 434 circulares, cada circular com 4, 5 páginas já publicadas. Digitalizadas são mais ou menos umas 100 circulares. E só chegamos ao ano 1975. A primeira carta é de 1962 quando Dom Helder estava no concílio em Roma e só chegamos, eu quando digo chegamos, é muita pretensão, porque eu não colaborei com isso, só chegamos lá em Recife na editora do estado de Pernambuco, são 13 volumes como esse aí publicados.

Essa é uma tarefa para a juventude porque Dom Helder é uma montanha que só se enxerga de longe, é uma coisa impressionante, um homem desse, nunca encontrei uma figura parecida na minha vida.

A segunda coisa que eu queria dizer diz respeito as mulheres, e já foi falado pelas senhoras de Camaçari. Os padres normalmente são acompanhados por mulheres que os ajudam. A senhora falou muito bem sobre esse ponto e Dom Helder só foi Dom Helder por causa das mulheres. (Palmas)

Isso é muito claro! Mulheres com personalidade!

Quem fundou, quem deu as bases para a Conferência Episcopal do Brasil, cheio de homens, foram as mulheres. Foram elas que trabalharam 5 anos lá no Rio de Janeiro para constituir os estatutos, legalizar, organizar viagens para Roma para falar naquele tempo com o secretário, porque depois veio o Papa Paulo VI.

Trabalho de mulheres extraordinárias! A Igreja Católica é uma igreja de mulheres com aparência de homens, com uma capa de homem. Na realidade quem sustenta, e já temos a prova disso aqui mesmo. (Palmas)

A terceira coisa que eu queria dizer é que estamos numa Casa onde vigora a lei da maioria, quem ganha aqui sempre é a maioria.

Dom Helder Câmara depois de lutar muitos anos pela maioria, formar um consenso entre bispos, entre gente leiga, ele passou por uma crise nos anos 74,75, e começou a perceber que o futuro da humanidade não está no princípio da maioria, mas no princípio da minoria. Quem faz a história não é a maioria, a maioria sempre se acomoda, sempre faz negócio. Quem faz a história é a minoria e aqui estamos nesta Casa, neste dia, neste momento, com a minoria.

Mais uma coisa, justamente, o meu amigo, o meu amigo irmão, Oliveira, vem me lembrar, ele chamava essas minorias de uma palavra muito estranha: minorias abraâmicas. O que são minorias abraâmicas? O que é Abraão? Lê o livro Genesis, cap. 12 até o cap. 25-26. Abraão é um homem que se abre para Deus. Ora, abrir as portas do nosso castelo interior a Deus não é brincadeira! Não é brincadeira! Porque Deus é um posseiro. Ele toma conta da gente. Ele se instala no íntimo da gente. Ele transforma a gente. Isso é Abraão, é o primeiro...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) homem, pelo menos, na Bíblia, que se abriu inteiramente a Deus – só uma última palavrinha—tem gente que compara Helder Câmara com Gandhi, com Mandela, com Martin Luther King, eu acho que é com razão.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Obrigada, professor Eduardo, pelo seu testemunho.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Eu queria anunciar a presença da vereadora Marta Rodrigues e convidá-la para a Mesa, por favor.

Eu queria conceder a palavra ao deputado Bira Corôa pelo tempo de 5 minutos, Bira, eu sei que você tem muito a acrescentar, mas nós já estamos bastante atrasados.

O Sr. Bira Corôa: Primeiro, eu quero dar um bom dia a todas e a todos, parabenizar a nobre deputada Maria del Carmen por essa homenagem no dia de hoje a duas personalidades que não vieram ao Brasil e, especialmente, à Bahia apenas de passagem, deixaram sementes como aqui já foram colocadas e consolidaram forças de lutas e frente de conquistas na nossa sociedade. Quero dar um pequeno depoimento sobre a trajetória de Paulo Maria Tonucci na nossa cidade, lá em Camaçari.

Quando ele chegou em Camaçari era área de segurança nacional e lá enfrentávamos uma disputa muito grande de afirmação social em detrimento do imperialismo e da força de condução política naquele município.

E Paulo Tonucci deu uma continuidade ao trabalho que a Igreja Católica já vinha desenvolvendo em Camaçari. A igreja, em Camaçari, nos acolhia, nos orientava em alguns momentos e ajudava no processo de formação, mas Paulo chegou com uma determinação ímpar que foi a de formação, de organização e de frente de luta, e a colega e professora Graça colocou aqui muito bem, e também, Adélia.

Paulo, lembro muito bem que ao chegar no processo de luta, ele ajudou a organizar, além da juventude, como aqui já foi citado, a Frente Jovem e vários grupos de jovens que foram consolidados naquele momento, ele ajudou a formar, nobre Maria del Carmen, a consciência sindical, ele ajudou a recuperar e reorganizar o Sindicato dos Produtores Rurais de Camaçari que tinha sido destruído, praticamente, com a ação da ditadura militar. Orientou e ajudou a organizar o Sindicato da Construção Civil, Sindticc de Camaçari, que foi acolhido dentro da igreja que, aliás, posso dizer, foi um núcleo criado pela orientação, pela condução de Paulo, para dar sustentação àquele movimento, diversos outros sindicatos. A associação dos professores foi, praticamente, nascida dentro da casa paroquial, acolhida naquele momento e nós, Graça, éramos leprosos porque estávamos discutindo a organização dos professores, passamos a ser rejeitados pela gestão municipal da época e, muitas vezes, temidos pelos próprios colegas, pelas perseguições, e foi lá, na Igreja Católica, que nós fomos acolhidos, foi consolidada a Aspc, Associação dos Profissionais em Educação de Camaçari que hoje é o nosso glorioso, Sispec – Sindicato dos Profissionais em Educação do Município de Camaçari, a qual eu presidi nos seus dois primeiros mandatos.

Então, além desse processo, Paulo Tonucci também criou a condição de organização popular, a maioria das associações de moradores do município de Camaçari passaram pela orientação de Paulo Tonucci.

Então, quero, aqui, concluir dizendo que ele não apenas nos deu a condição de consolidar a nossa luta, nos deu caminho, nos deu orientação, nos deu a formação, nos deu acolhimento, mas na sua forma muito determinada, eu até, às vezes, dizia, muitas vezes seca e dura nas suas convicções ele não permitia que a gente vacilasse no processo da luta, ele dizia sempre que a gente tinha que enfrentar mas para enfrentar precisava estar organizado, consolidado no processo de luta, e isso nos orientou e nós não poderíamos deixar de, numa homenagem como esta, agradecer.

Agradecer a contribuição dada por Paulo Tonucci, a minha presença, a minha formação política, a minha estada aqui neste espaço de poder durante três mandatos foi base da orientação que ele nos deixou. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Muito obrigado, Bira. Mais um testemunho da história da luta e da vida!

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Eu queria pedir desculpas e convidar para compor a Mesa o cônego Osmar Freire Monteiro Júnior, vigário-geral da Diocese de Camaçari que neste ato representa o bispo da Diocese de Camaçari, Dom João Carlos Petrini, por favor. (Palmas)

Quero anunciar, registrar a presença e agradecer a vinda, nesta manhã, da Associação Paulo Tonucci; Associação Fé e Vida; Associação Pati, Associação Conexão Vida. Obrigada pela presença de todos os senhores e senhoras.

Quero registrar a presença das paróquias: da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe; da Paróquia Cristo Operário; da Paróquia São Cosme e São Damião; da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora; da Paróquia Conversão de São Paulo; do Terço dos Homens; da Pastoral da Saúde; da Igreja Nossa Senhora das Candeias; da Pastoral da Sobriedade; da Igreja São Paulo da Fazenda Grande I do Retiro. Obrigada pela presença de todos os senhores e senhoras.

Quero registrar também a presença de Marli Carrara, membro da Coordenação da União por Moradia Popular. Obrigada, Marli pela sua presença. Quero anunciar a presença também de Everaldo da Silva Lopes, obrigada, Everaldo; de Selma Maria, nossa companheira e amiga de Piripiri Boavista; de Andrea Mércia Araújo, coordenadora-geral da Seap, Secretária da Administração Penitenciária e Ressocialização, que está presente aqui, representando o secretário Nestor Duarte. Obrigada pela presença.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra a Yá Gabriela, representante da mãe Jaciara Ribeiro, e de religiões de matriz africana Terreiro de Salvador pelo tempo de 5 minutos.

Desculpem os que vão usar da palavra. Estamos começando a contar o tempo por causa do adiantado da hora.

A Sr.^a YA GABRIELA: Bom dia a todas e todos. Saúdo inicialmente a ancestralidade, sobretudo em nome de mãe Gilda de Ogum, que é quem me traz aqui nesta oportunidade; saúdo também a Mesa, na pessoa da deputada Maria del Carmen, trago a saudação da minha ialorixá, Jaciara Ribeiro, filha biológica de mãe Gilda de Ogum, em nome de quem falo aqui minha egbé, da minha comunidade Ilê Axé Abassá de Ogum. É importante, nesses tempos de grandes retrocessos políticos falarmos de direitos humanos em tempo que a desumanização tem sido a regra.

É bom que tenham existido religiosos católicos como Dom Helder e Paulo Tonucci, e que haja quem siga seu exemplo hoje, porque isso significa que houve e ainda há quem lute contra a barbárie que a própria instituição católica causou a alguns povos, dentre os quais, ao meu povo.

Não podemos negar a história, senhores e senhoras, isso seria uma nova morte para todos nós enquanto humanidade. Os religiosos de matrizes africanas não tiveram

outra opção senão lutar e promover os direitos humanos, porque estamos o tempo todo falando de nossa própria vida, de nossa própria existência, de nossa própria dignidade.

Dentre os direitos humanos, devemos nessa ocasião destacar a liberdade religiosa. Isso significa que todos os dias, todos e todas religiosos de matrizes africanas lutam pelos direitos humanos. A laicidade do estado é um dos desdobramentos da liberdade religiosa, e deve significar que o estado não tem ou não deveria ter uma religião oficial.

Mas, aqui, estamos neste plenário assistidos pela cruz de Jesus Cristo, e por essa insígnia que foi aprovada pela bancada evangélica que diz: “Ao Deus de Israel toda honra, toda glória e todo louvor.” Se é a Ele, o único Deus, toda honra e toda glória, o que nos resta a todos os demais que fazem parte da pluralidade que compõe este povo brasileiro. (Palmas)

Quem não entende a violência disso não pode estar aqui discutindo direitos humanos. Quem não entende a violação que perfaz as outras profissões de fé religiosas não pode estar aqui falando sobre direitos humanos, não pode discutir direitos humanos, porque não existe metade de direitos humanos, um terço de direitos humanos ou um pedaço de direitos humanos. Ou a gente discute direitos humanos na sua integralidade – e isso inclui discutir a liberdade religiosa – ou a gente não está falando de direitos humanos. (Palmas)

Há um provérbio iorubá que diz que cada um enxerga o meio-dia da porta de sua casa. Portanto, cada um verá a luz a partir do seu lugar. Isso é importante para entendermos a liberdade religiosa e porque um estado que deve alcançar a todos e todas não deve ter uma religião oficial nem deve estar paramentado com esse tipo de símbolo. Isso é uma violência simbólica. E violência simbólica acarreta diversas outras violências, como violências psíquicas e emocionais, que podem inclusive desembocar em violências físicas, mortes físicas e mortes da nossa subjetividade. E morte do nosso corpo, já que estamos falando inclusive de religião.

A religião, dentre outras coisas, tem a capacidade de dar sentido à vida das pessoas. Por isso a religião também é um meio de dar dignidade e, por consequência, humanidade.

Por isso Makota Valdina, uma das homenageadas de hoje, certa feita disse o seguinte: “Minha sociedade de equilíbrio é uma sociedade onde os seres desta sociedade tenham preocupação com a humanidade”. Na nossa cosmovisão religiosa, a morte não é o fim, é uma divindade chamada Ikú. Quando somos alcançados por essa divindade, permanecemos todos e todas com outros tipos de vida.

Outra forma de memória para o nosso povo é a ideia de legado, em contraposição à ideia capitalista, materialista e desumanizadora de herança. Desse modo, Makota Valdina, mãe Stella, mãe Gilda deixaram legados importantíssimos...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campanhas.)

(...) projetos pedagógicos, projetos educacionais, projetos de emancipação do nosso povo, mudanças legislativas. Existe a Escola Mãe Stella, que fica dentro do terreiro Ilê Axé Opó Afonjá; existe agora também uma escola pública com o nome de Makota Valdina, no Engenho Velho da Federação. E existe o dia 21 de janeiro, que foi

o dia da morte física de mãe Gilda de Ogum, e se tornou o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. É em...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) nome dessas mulheres e de tantas outras que nos antecederam, que estamos vivas e resignadas, inclusive pelos enfrentamentos feitos à instituição católica.

Sinto muito se não posso lhes dizer tudo que querem ouvir. Sinto muito se não necessariamente vim aqui para falar apenas da parte boa da história brasileira, da história que temos aqui do nosso povo, da história mundial com a Igreja Católica.

Mas eu também não estaria aqui e não teria sido convidada para falar hoje, representando essas mulheres que mencionei, se elas não tivessem feito ou não fizessem igual.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra à diretora executiva da Cese – Coordenadoria Ecumênica de Serviço, pastora Sônia Gomes Mota.

A Sr.^a SÔNIA GOMES MOTA: Bom dia a todos e todas, homens e mulheres de fé e de luta. Bom dia, deputada. Quero saudar a deputada Maria del Carmen e, em nome dela, saudar toda a Mesa. Dizer que me sinto muito contemplada com as falas, também com a sua fala, porque acho que traz uma questão fundamental para nós que hoje estamos aqui para falar de direitos humanos.

Como pastora presbiteriana e diretora da Cese, uma organização que há 46 anos abraça e tem a missão da defesa dos direitos humanos, para mim é uma honra estar aqui. Fazer parte desta sessão onde estamos fazendo memória, homenagem e também fortalecendo a nossa esperança, porque estamos em tempos difíceis em nosso país. Todos nós e todas nós estamos passando por isso e sabemos o quanto é importante resgatar a memória de pessoas que trabalharam pelos direitos humanos – e aqui trago também todo o legado dessas mulheres que lutaram para defender a sua fé como um direito humano –, o quanto é importante fazermos isso neste momento.

(Lê) “Resgatar a memória de pessoas que tanto fizeram e atuaram na defesa de direitos é muito importante, especialmente em um contexto de criminalização, perseguição de defensores e defensoras de direitos e em um contexto de total retirada dos direitos das pessoas mais empobrecidas e fragilizadas e de intolerância religiosa. Trabalhar na defesa de direitos no Brasil nunca foi fácil, mas nos últimos anos está cada vez mais perigoso. Ainda ontem recebemos da Plataforma Dhesca uma nota pública denunciando a intervenção no Conselho Nacional de Direitos Humanos. Este conselho vem sofrendo ataques constantes, o que fere a sua independência e autonomia, em completo desrespeito aos princípios definidos pela ONU em 1992.

O Brasil é um país onde mais se matam defensores e defensoras de direitos humanos, e vemos estarrecidos proliferar ataques violentos e incentivos à violência contra defensores e defensoras de direitos humanos. Na concepção do atual presidente

da República, ‘direitos humanos é o esterco da vagabundagem’. Ele não sabe que esterco aduba a terra e faz brotar sementes.

Lamentavelmente, temos visto religiosos das mais diversas tradições se aliarem, fazerem coro e até mesmo aplaudirem lideranças e responsáveis por este ambiente de terror e desrespeito aos direitos humanos.”

Como pastora protestante me sinto envergonhada de ver tradições religiosas, pastores, pastoras defenderem este governo e defenderem o atual momento que estamos passando. Mas, lamentavelmente, temos visto este crescimento, não só nas igrejas protestantes, não só nas igrejas pentecostais, mas esses atos estão crescendo dentro de todas as igrejas. É com tristeza profunda que vejo isso. Esqueceram que são discípulos e discípulas de Jesus de Nazaré, um homem que morreu por ter a coragem de denunciar as injustiças de sua época, que bateu de frente com as autoridades políticas, jurídicas e religiosas e que disse: “Bem-aventuradas as pessoas que promovem a justiça, o direito e a paz, porque delas é o reino de Deus.” E pergunto: qual é a parte deste evangelho que essas lideranças religiosas, que hoje aplaudem este atual estado em que estamos, não entenderam ainda? Se estamos diante desse retrocesso religioso, onde o fundamentalismo tem crescido assustadoramente, é necessário, sim, resgatar e fazer memória de religiosos e religiosas que lutam e defendem os direitos e a justiça.

Trago do lado...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) protestante, como me foi pedido, a figura do reverendo Paulo Wright, que sempre lutou pela defesa dos direitos. (Palmas) Trago as figuras, também, do reverendo João Dias de Araújo e do reverendo Celso Loula Dourado, que aqui acolheu a 2^a Conferência pela Anistia, no Colégio 2 de Julho. (Palmas)

E, para encerrar, trago também o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, que, neste momento, está com uma delegação em Genebra para denunciar o nosso atual momento, tendo à frente a pastora Romi Bencke, que é a secretária executiva do Conic.

Muito obrigada. Defenderemos sempre a justiça e o direito. (Palmas) Aprendemos com o Dom Helder que é necessário nunca desistir e não desistiremos. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Parabéns, Pastora Sônia Gomes Mota pela sua fala, pelo seu pronunciamento.

Concedo a palavra à representante da Pastoral Afro e do Capdever, Roberjane Ribeiro Nascimento. (Palmas)

Quero registrar a presença do nosso deputado Aderbal Caldas. Vou pedir ao nosso Cerimonial que coloque uma cadeira a mais aqui, e lhe convidar para fazer parte da Mesa, deputado.

A Sr.^a ROBERJANE RIBEIRO NASCIMENTO: Bom dia a todas e a todos. E como dizia Padre Heitor Frisotti, um grande defensor dos direitos humanos e de todas as religiões, principalmente a religião de matriz africana e que era padre católico: há

um cheiro de evangelho nas coisas de negro, há um cheiro de evangelho nas coisas de negro.

Sinceramente, estou muito emocionada. Não conheci padre Paulo Tonucci, não conheci o Dom Helder, mas conheci a causa e busco, na medida do possível, levar esse legado, lá na Sussuarana. Um legado importante para nós, homens e mulheres, principalmente pretos e pretas das grandes periferias.

E Heitor dizia: a religião de matriz africana precisa ser respeitada como todas as religiões. Não vamos ficar aqui buscando tolerar, porque ela não precisa da tolerância de ninguém, precisa do respeito, porque quando a gente tem respeito, a gente sabe dos seus direitos (palmas) de professar a sua crença e o seu credo.

Cresci ouvindo Heitor dizendo: é respeito que precisamos para todos e todas, do menor ao maior, do mais novo ao mais velho. Então, é de respeito que nós precisamos, nós exigimos, onde quer que estejamos. É respeito! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra ao representante da Pastoral da Saúde, filho de Maria e servo dos pobres, padre Jorge Brito. (Palmas)

O Sr. JORGE BRITO: Correr não é fácil. Saúdo com alegria, na pessoa do bispo italiano, o papa Francisco, que é grande defensor universal dos direitos humanos. Está preocupado com a Amazônia e isso é grande. Vamos rezar por ele que vai fazer o sínodo agora em outubro, não é? Saúdo, na pessoa do cônego José Carlos, o arcebispo que lhe mandou como representante e peço ao representante do arcebispo que dê um abraço no padre José Carlos do Peru, que também é outro grande lutador pelos direitos humanos.

Na pessoa da deputada Maria del Carmen, quero saudar toda esta Casa, como faz sempre o nosso amigo, Carlos Prazeres. É pena que não temos mais deputados, mas os que estão aqui é porque tem compromisso e isso eu saúdo com alegria. Saúdo a cada um que veio, meu amigo e colaborador padre Ferdinando, este homem de Deus que vive também nessa grande luta.

Meus irmãos, meus amigos, vou falar de irmã Dulce. Olha, todo lugar me chama para falar de irmã Dulce – porque agora irmã Dulce está na moda –, mas quero lembrar que irmã Dulce, essa mulher vai ser proclamada santa porque foi humana. Já dizia o grande Santo Agostinho, sobre Jesus: “Tão humano assim, só podia ser Deus”. Então, quem quiser chegar um dia às honras dos altares com canonizações não precisa lutar por muitas coisas. Basta apenas ser gente, gostar de gente e, como diz o papa Francisco, sentir o cheiro de gente, sentir a dor de gente. É isso que é ser santo.

Canonizar é colocar no cânon, na lista de cristãos que são exemplos para o mundo. Irmã Dulce vai ser colocada na lista porque é exemplo para nós. E o que estamos fazendo hoje é uma canonização secular, colocando nas honras desta Casa homens e mulheres, como irmã Dulce, padre Paulo, Dom Helder e Makota Valdina, por quem tenho admiração.

Hoje, temos a Portaria n.º 880/2014, publicada porque essa luta foi puxada pela Makota Valdina, que lutou conosco entre 2012 e 2013, para construir essa portaria. Então, temos muitas parcerias. Também com a nossa irmã e ialorixá, irmã Rosielma que tinha uma frase como essa que Roberjane disse. Numa dessas reuniões, falávamos sobre tolerância e ela se levantou e disse: “Olha, eu não sou cristã, mas eu tenho a impressão que Jesus, o vosso mestre, ensinou ‘amai-vos uns aos outros’. Se na Bíblia de vocês tivesse ‘tolerai-vos’ eu até que aderiria a vossa luta. Eu vou embora. Quando vocês aprenderem a me amar, eu vou voltar aqui.” Foi lindo! Foi lindo isso.

Me sinto feliz e honrado em estar nesta Casa, hoje, homenageando todas essas pessoas. Quero dizer que irmã Dulce se destacou pelo trabalho do hospital, pelo cuidado com os doentes, mas dizer que irmã Dulce cuidou de muita gente. Cuidou de crianças abandonadas, de idosos, e irmã Dulce era sindicalista. Irmã Dulce fundou o Círculo Operário. Irmã Dulce tinha aquele Cine Roma que era para ajudar os operários que travavam suas grandes batalhas contra os patrões. Então era muito bonito o trabalho de Irmã Dulce. Muitas vezes ela estendia a mão e, por isso, entrou para a história como a mulher que pedia esmolas. Mas a mão de Irmã Dulce estendida não me soava como a de esmoler...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) A mão estendida de Irmã Dulce – como também a de qualquer necessitado – estava dizendo: “Dê, devolva o que você tem a mais, porque tem gente com a mão vazia”.

Então, salve a Irmã Dulce dos Pobres e salve todos que lutam pelos direitos humanos! Não posso terminar sem dar uma espetada política, já que todo mundo deu, dizendo aquela canção das CEBs...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) Vamos cantar o refrãozinho que diz: *Pois é, pois é, acredite, irmão!*

Ainda tem gente consciente que ainda vota no patrão. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Quero registrar e agradecer a presença de diversos representantes da Ação Social Arquidiocesana (ASA); de Márcia Novaes, presidente do Sindicato dos Professores de Camaçari (Sispec). Obrigada, Márcia.

O Sr. Bira Corôa: Márcia é a aniversariante de hoje.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Márcia é aniversariante hoje? Cadê ela? Não estou vendo Márcia.

Obrigada, Márcia. Parabéns, viu? Um abraço para você, continue na luta. Sei que você é corajosa e forte o suficiente. (Palmas)

Vou conceder a palavra agora ao padre Osmar Júnior, representando o bispo Dom João Carlos Petrini.

O Sr. OSMAR JÚNIOR: Bom dia a todos. (Palmas)

Diante do adiantado da hora, vamos apenas externar a nossa alegria e satisfação. Não tenho na memória a lembrança física do padre Paolo, mas me recordo de que fiquei muito emocionado no dia em que o bispo me disse: “Você vai assumir a Igreja de São Thomaz. E me veio à mente o padre Paulo no contexto da sua enfermidade.

Sou daqui de Salvador, do bairro Peru, não é, padre Zé Carlos? Sou filho de Zé Carlos.

Pois bem, eu ainda era coroinha, e o padre Sérgio Merlini me chamava algumas vezes quando ele ia celebrar lá em Camaçari. Então eu trago essa satisfação de hoje estar num lugar abençoado, que traz também os sinais visíveis não só nos vitrais da igreja, mas também na pessoa de padre Paulo, que tanto colaborou para o bem do povo daquela cidade, que hoje também é nossa, pois já estou em Camaçari pela terceira vez.

Agradeço a Deus esta oportunidade e externo a minha satisfação, em nome do bispo Dom João Carlos Petrini, que não pôde estar aqui porque está reunido, juntamente com Dom Murilo, na Assembleia do Regional Nordeste 3, aqui em Salvador, em Itapuã, se não me engano.

Mas devo dizer que a história se renova todas as vezes que lembramos daqueles que fizeram e continuam fazendo o bem. Se renova diante daquilo que colhemos como sinais visíveis e concretos da possibilidade de fazermos o novo acontecer, agregando, trazendo todos aqueles que, juntos, podem formar uma ciranda bonita para transformar qualquer realidade que não seja de promoção de vida e de salvação para todos.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra à defensora pública Eva Rodrigues, representante do defensor público geral, Rafson Ximenes, pelo tempo de 5 minutos.

A Sr.^a EVA RODRIGUES: Bom dia a todos e todas.

Gostaria de cumprimentar a Mesa na pessoa da deputada Maria del Carmen, a quem parabeno por esta sessão tão especial. Queria cumprimentar também os amigos, os familiares e todas as lideranças aqui presentes que vieram homenagear Dom Helder Câmara, patrono dos direitos humanos, e o padre Paulo Tonucci, *in memoriam*.

Para nós da Defensoria Pública, órgão que tem como missão institucional a promoção dos direitos humanos, é fundamental olhar para trás e reconhecer a história dos nossos antepassados. É fundamental testemunhar tantos relatos da história de pessoas tão importantes que lutaram por uma sociedade mais livre, por uma sociedade mais justa, por uma sociedade mais igualitária. Certamente isso nos dá força para continuar lutando em defesa dos grupos mais vulnerabilizados.

Enquanto instituição que trabalha na luta e na defesa da promoção dos direitos humanos, precisamos, sim, ter esses exemplos para que possamos continuar resistindo em tempos tão difíceis.

Foi um prazer para mim poder prestigiar esta manhã tão importante, de relatos tão fortes e tão potentes de pessoas como essas.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra ao padre José Carlos, representante do arcebispo primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger. (Palmas)

Enquanto o padre José Carlos se dirige à tribuna, quero registrar as seguintes presenças: Manoela Carrara, representando o gabinete do deputado Afonso Florence; Sandra Tavares; Beбето, lá da Comunidade de Jardim Cajazeiras; Lozinha, da Fazenda Grande; Sidney, da nossa Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe; e Regi, da Rede Campi.

Com a palavra o padre José Carlos.

O Sr. JOSÉ CARLOS: Bom dia a todas e a todos.

Saúdo a Mesa na pessoa da deputada Maria del Carmen – minha paroquiana, com muita alegria –, a quem parablenizo por esta sessão realizada hoje. E saúdo todos e todas na pessoa de Dom Giovanni Tonucci, irmão do padre Paulo Tonucci.

Dom Pedro Casaldáliga, que ainda é vivo, disse o seguinte: (Lê): *Me chamarão subversivo. / E lhes direi: eu sou. / Por meu Povo em luta, vivo. / Com meu Povo em marcha, vou. / Tenho fé de guerrilheiro / e amor de revolução.*”

Nós estamos homenageando homens e mulheres que subverteram a ordem, que lutaram como revolucionários. E na sua essência da luta da revolução, o motor que os impulsionava era a fé.

Dom Murilo me deu uma grande alegria e me fez uma grande homenagem ao pedir que o representasse aqui nesta sessão solene. Eu agradeço imensamente a ele por isso, pois me deu uma grande alegria. E digo a Dom Giovanni que sou o pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, onde o padre Paulo Tonucci foi pároco juntamente com o padre Renzo Rossi.

Eu ainda seminarista, lembro da participação de padre Paulo num episódio, quando era governador do estado o Sr. Roberto Santos, em que houve o problema do Marotinho. Dom Avelar chamava os padres e os seminaristas para irem com ele aos lugares. Era um domingo, dia da entrega dos terrenos lá no Novo Marotinho. Fui e Dom Avelar disse: “Eu não vou porque me disseram que a coisa não anda boa. Não vou lá”. E assim mandou o monsenhor Juarez.

O monsenhor Juarez esperneou para não ir, mas foi. E a conversa era a mesma de sempre: “É coisa de comunista, é coisa de subversivo”. E padre Paulo era tido como subversivo.

O padre Renzo foi meu professor de Bíblia no Instituto de Teologia aqui de Salvador. Eu o conheci muito, era uma pessoa bastante aberta, mas, ao mesmo tempo, como professor, muito exigente. Tínhamos de dar o melhor de nós.

Existe nessa paróquia um espaço chamado Sala da Amizade. Pois bem, foi nessa Sala da Amizade – que Délia conhece muito bem – que foi planejada a fuga do Brasil do único preso político do nosso país condenado à morte, o Theodomiro Romeiro dos

Santos. E um dia, em Brasília, na nunciatura, entra o “padre” Theodomiro, de clésima, e pede asilo político ao Vaticano, que o concedeu. O Vaticano concedeu a Theodomiro o asilo, e o Brasil negou a cidadania brasileira ao padre Tonucci.

O padre Paulo fundou, aqui na diocese, a Comissão de Justiça e Paz, que começou com uma configuração independente e foi resistência a todos aqueles que quiseram manipular os direitos humanos nesta cidade.

Quanto a Dom Helder, eu só estive com ele uma vez, no estádio da Fonte Nova, no dia em que os 300 anos de criação da Arquidiocese de São Salvador eram celebrados. Na tribuna estava o famigerado então ministro da Justiça Armando Falcão, e Dom Helder, quando usou da palavra, disse: “A Bahia não precisa de outro líder, a Bahia já tem um líder, e este líder é o Senhor do Bonfim”. A Fonte Nova veio abaixo. (Palmas)

Makota Valdina dizia sempre: “Eu não sou descendente de escravos, eu sou descendente de um povo que foi escravizado”. Então, a ela também a nossa homenagem. (Palmas)

Quero dizer o seguinte: homenageamos olhando o passado, mas estamos no presente. O passado nos serve de reflexão no presente para construirmos o futuro. Hoje, devemos ter as atitudes de padre Paulo Tonucci, de Dom Helder Câmara, de Makota Valdina e de todos os que lutaram neste país pelos direitos humanos. (Palmas)

Nós temos também de participar da construção da história deste país. Chega de estarmos no muro das lamentações. É preciso que nós, que somos formadores de opinião, tenhamos a coragem de dizer ao povo que o povo tem de ir às ruas para acabar com essa destruição da democracia e do Estado de direito que estamos vivendo.

Não podemos ficar diante do muro das lamentações. É preciso não somente apagar o fogo da Amazônia; é preciso cada vez mais tomarmos consciência de que devemos tirar do poder aqueles que estão destruindo a Amazônia. Não lamentemos; sejamos proativos diante deste país, que precisa de uma mudança urgente. Não fiquemos, como dizem hoje, com “mimimi”.

Há a necessidade de que coloquemos as nossas vidas em xeque, de que tenhamos a coragem de ser como o santo que celebramos hoje na Igreja Católica, São João Batista, que morreu por enfrentar o poder. (Palmas) Que sejamos profetas no tempo de hoje. Não ontem! Hoje, para construirmos o amanhã para nossos filhos, nossos netos e também para nós que ainda estamos vivos! Este país precisa urgentemente de uma ação contundente da população. A população brasileira, pelo menos aqueles que lutam pelo estado democrático de direito, que esteja nas ruas! Porque, senão, daqui a alguns dias, vamos voltar aos porões das prisões e sofrer as torturas que sofreram aqueles que lutaram para derrubar o golpe de 64.

É preciso que cada vez mais não nos permitamos ser dominados por algozes. Que não nos permitamos deixar que as nossas vidas sejam ceifadas por pessoas que não têm a mínima consciência de amor ao próximo. Não adianta dizer que Deus está acima de todos se arma as pessoas. Não adianta dizer que Deus está acima de todos se acaba com todos os mecanismos de participação social da população, daqueles que estão na luta pelos direitos humanos.

Eu estou presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa, e o conselho foi esfacelado. Vejam a reforma da Previdência! O que foi que fizeram? Os vendilhões dos templos estão no Parlamento nacional, vendendo tudo que é direito dos trabalhadores. Uns canalhas que precisam ser retirados de lá! Não podemos aceitar mais esse tipo de coisa calados. A fé nos impõe uma atitude. Hoornaert, você roubou minha palavra. Roubou minha palavra: “Nós temos que ter a consciência do resto de Israel”. O que você disse eu assino embaixo: só o resto de Israel vai poder fazer a transformação. Se a base não treme, o topo da pirâmide não cai! A base tem que tremer para meter medo a quem está no alto.

Muito obrigado. (Palmas)

Participante da sessão: Com tiranos não combinam brasileiros corações.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Esse é o nosso Hino, então, portanto, é mais do que atual.

Parabéns, meu padre.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Convido agora o padre Ferdinando Caprini. A Comissão de Justiça e Paz entrega o Prêmio D. Hélder Câmara, patrono dos direitos humanos, aos homenageados, em reconhecimento simbólico da cidadania ao padre Paulo Tonucci.

O Sr. FERDINANDO CAPRINI: Em 1993 – me corrija, Delia –, tem uma foto lá do padre Tonucci vestido com a roupa da Assembleia para celebrar 10 anos...

(Intervenção fora do microfone.)

Oitenta e três. Ainda bem que você me corrigiu, 83.

(...) 10 anos da Comissão de Justiça e Paz.

A Comissão de Justiça e Paz, simplesmente, em muitas dioceses – muitos lugares, também, como em Salvador – não tem mais. Mas nós, acolhendo o legado de Padre Tonucci, tentamos ressuscitar ou ressurgir das cinzas a Comissão de Justiça e Paz. E temos hoje já cinco núcleos aqui em Salvador da Justiça e Paz, fruto, também, de um trabalho em colaboração com a Universidade Federal da Bahia, no curso de Direitos Humanos.

Então, o nosso centro e mais esses núcleos de Justiça e Paz pensamos em instituir um prêmio de Dom Hélder Câmara às pessoas que se destacaram nos direitos humanos. Naturalmente, pessoas que, nesse caso, como fizemos hoje, são todas as pessoas falecidas. Naturalmente, quem vai receber o prêmio em nome das pessoas que já estão lá com Olorum ou no paraíso vão ser algumas instituições que estão levando à frente o legado que essas pessoas deixaram.

Então, gostaria de se tornassem aqui presentes, para fazer bem rapidamente, entregar os prêmios a pessoas da família, à Diocese de Camaçari e ao Centro Apito, a Paróquia Conversão de São Paulo e o Projeto Ágata Esmeralda, sendo que parte deles já está lá em cima, na Mesa. Podem permanecer lá em cima, na Mesa, vão receber o prêmio Dom Hélder Câmara dedicado a Padre Tonucci que diz assim: “Prêmio dos

Direitos Humanos Dom Hélder Câmara ao Padre Paulo Maria Tonucci pela Defesa dos Direitos dos Excluídos e Marginalizados”. E aqui tem a sessão de hoje codificada.

Enquanto ela vai distribuindo os prêmios, gostaria que estivesse presente aqui, também, alguém que representasse os terreiros de Mãe Gilda de Ogum. (Pausa)

Não precisa mais se vestir agora trajada como foi no começo, quando fizemos a procissão dos antepassados; queria que se tornasse presente aqui também o pessoal dos Filhos de Maria, dos Irmãos dos Pobres, Obras Sociais Irmã Dulce e Pastoral da Saúde de Salvador para receber o prêmio Irmã Dulce dos Pobres.

Depois de se tornar presentes aí, vou já dizendo as outras para estarem aqui presentes: Paróquia Santíssima Virgem Maria de Nazaré, Casa do Sol, Cebi, CPT, Pastoral dos Pescadores, pessoal também da Paróquia São Daniel Comboni e do Centro dos Direitos Humanos Padre Franco Pellegrini.

O pessoal dos terreiros já falei, para receber o prêmio Makota, dedicado ao padre Renzo Rossi. Também, a Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe e do Terreiro Comunidade da Paz, o padre Arnaldo Lima, das CEBs, Rosário dos Pretos, Pastoral Afro, o Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida (Capdever) e o Cempa. O Mosteiro de São Bento já encontramos uma pessoa que pode representar e, naturalmente, o Centro Dom Hélder Câmara.

Então, vamos entregar, agora, os presentes que o pessoal que vai me ajudar aqui vai.... O prêmio Mãe Gilda de Ogum, pela luta contra a intolerância religiosa, alguém que presente os terreiros; (palmas) o próximo é Irmã Dulce, que lutou tanto pelos direitos da saúde, pela luta pelo direito à saúde para os mais pobres. (Palmas)

É bom ficar aqui na frente para depois bater uma foto final, com todos os presenteados.

Padre Luís Lintner, representante da Paróquia Santíssima Virgem, Casa do Sol. Ele atuava muito no Cebi, CPT e na Pastoral da Terra e na Pastoral dos Pescadores. Matheus também é o representante das pastorais. Tinha o frei Jorge, que deve estar aqui representando o CEBI, a CPT. Tem também o frei Luciano, que poderia vir aqui também para bater a foto; (palmas) da Mãe Stella, se tiver alguém que pudesse receber a homenagem à Mãe Stella, que diz assim: “Pela luta pelos direitos da religião e cultura de matriz africana. Que seja não tolerada, mas respeitada igual como as outras culturas”.

Padre Franco Pellegrini, representante do Cedhu, assim é o nosso advogado aqui, pela defesa dos direitos dos pobres e excluídos; receber o prêmio Makota Valdina, pela luta contra o racismo, machismo e pelo respeito da liberdade religiosa; Padre Renzo Rossi foi homenageado com o prêmio pela defesa dos direitos à vida dos perseguidos políticos; o mestre Albérico Paiva, da pastoral afro e do Rosário dos Pretos, pelo direito de zelar a fé dos santos católicos e dos orixás. Eu conheci, pessoalmente, o Albérico, a luta que ele fez dentro da Igreja Católica. Ele era mestre dos noviços, dentro do candomblé, porque as duas religiões deve-se mais o respeito total, uma da outra, e também respeitar aquelas pessoas que praticam as duas religiões, que chamamos a dupla pertença. Tem alguém do Rosário dos Pretos? Ah, Frei Jorge. Quem melhor do que ele? (Palmas)

Gilda Paz, da Comunidade da Paz, é uma liderança que pertencia à igreja, que pertencia também ao candomblé, que tinha o maior respeito por todas as religiões. Padre Arnaldo Lima, pela luta, pelos direitos à dignidade nas Comunidades Eclesiais de Base. Isso significa que as Cebs devem manter viva essa identidade, essa preocupação de defender todos os direitos nas Comunidades Eclesiais de Base.

Padre Heitor Frisotti, por promover o diálogo e o respeito entre as religiões de matriz africana e cristã. Assim deveria estar presente pelo menos o pessoal da Pastoral Afro, o Capdever e o Cempa. Então pode entregar a Roberjane.

Estamos quase no finalzinho.

Para o Mosteiro de São Bento, Dom Timóteo Amoroso, pela defesa do direito à vida dos perseguidos políticos. Tem um senhor lá que também me disse que é muito amigo de Dom Timóteo e do mosteiro.

Roberjane vai entregar para o Centro Dom Hélder Câmara, por manter vivo este legado que Dom Hélder Câmara deixou, pelo Centro Dom Hélder Câmara lá de Periperi.

E nós pensamos, em verdade, Dom Giovanni, que nunca vai conseguir a cidadania. Serviria muito pouco também agora esse reconhecimento. Mas acho que Padre Paulo não gostaria muito de receber a cidadania desse presidente que temos agora. Pensamos na Comissão de Justiça e Paz fazer uma homenagem simbólica e colocamos essas palavras, colocamos o que Roberjane vai ler, a presidente do Centro Afro, que teve essa iniciativa e também a Comissão de Justiça e Paz. Pode ler!

(A Sr.^a Roberjane procede à leitura da homenagem.) (Palmas)

O Sr. FERDINANDO CAPRINI:- Em vista de que estamos na Assembleia Legislativa, vocês concordam que Padre Paulo Maria Tonucci seja reconhecido verdadeiramente como cidadão pleno brasileiro e baiano?

Participantes da sessão: Sim! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Parabenizo o Padre Ferdinando Caprini pela iniciativa.

A Comissão de Justiça e Paz, seria importante que ela continuasse existindo na nossa Arquidiocese. Quem sabe se a gente não consegue em algum momento, nesse momento tão difícil que a gente atravessa no Brasil e que pode sofrer mais retrocessos ainda.

Queria perguntar ao deputado Aderbal Caldas se quer usar da palavra. V. Ex.^a se quiser usar da palavra... Caso contrário a gente encerra.

Só uma saudação.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Com a palavra, então, o deputado Aderbal Caldas para uma breve saudação já que o horário já está avançado e as crianças estão ali e precisam voltar para o Capdever.

O Sr. ADERBAL FULCO CALDAS: Bom dia a todos e todas.

Quero saudar a Mesa, referendar e me associar às justas homenagens prestadas a essas figuras cristãs meritoriamente, hoje, aqui, homenageadas.

Quero dizer que sou católico, apostólico, praticante, mas não é apenas a religião que salva, quem nos salva é o nosso proceder, é o nosso desprendimento. Nós pecamos por atos e por omissão. Então, quando nós deixamos de praticar a caridade, se nós estamos na igreja orando, mas negando a caridade ao necessitado, a solidariedade, a fraternidade, o amor e o perdão, não tem igreja que nos salve. Se, ao contrário, nós estamos seguindo a sombra dourada de Cristo, as suas recomendações, o que Cristo quer de nós... No Natal, por exemplo, o presente que ele quer de nós não é uma caixa, um embrulho bonito, um objeto bonito, é o nosso coração, é que nós sejamos realmente praticantes do amor, do perdão, da caridade e da paz.

Aquele que se dedica aos bens materiais, a acumulação de bens, é digno de pena. Ele talvez viva enganado, pensando que é permanente, que é eterno aqui. Não sabe que ele é passageiro e quantos dias terá. Às vezes, estamos às vésperas da mudança para a outra vida.

Foi perguntado ao grande líder Dalai Lama: O que mais lhe surpreende na humanidade? Disse ele: “O homem, porque perde a saúde para dedicar-se a juntar dinheiro. Depois, começa a gastar dinheiro para tentar recuperar a saúde. E, de tanto pensar ansiosamente no futuro, ele esquece do presente a tal ponto de não viver nem o presente, nem o futuro. Vive como se nunca fosse morrer e termina morrendo como se nunca tivesse vivido.”

Eu quero aproveitar também para homenagear a nossa igreja de Olindina, minha terra, que está completando 50 anos. E foi fundada essa paróquia pelo padre Justino. Era um padre caridoso, dedicado, de origem humílima. Então, por 40 anos, ele foi o pároco nessa igreja. Quando o Bispo Dom Paulo Romeu o substituiu, eu notei que ele ficou triste, porque tinha muito amor a essa igreja, que é uma das mais bonitas, um prédio dos mais bonitos. Então, ligeiramente, quero dizer aqui que nós fizemos um evento para prestar uma homenagem ao padre Justino, que praticava a caridade procurando sempre esconder, não dar destaque, de maneira sutil e discreta. Quando usei da palavra, elencando suas obras de caridade, da Fundação, da Paróquia, da construção da bela igreja e de todas as capelas, tudo, fui elencando o que ele realizou. Quando terminei, perguntamos ao padre Justino se ele queria usar a palavra – e ele falava muito bem, era um bom orador, gostava de falar. Ele disse “quero”. Eu entreguei o microfone, e o discurso dele foi simplesmente, depois que eu elenquei todas as suas benfeitorias, caridades e seus atos cristãos, o discurso dele foi apenas este aqui: (Entoa) “Tudo é do Pai, toda honra e toda a Glória é dele, a vitória alcançada em minha vida.” E devolveu o microfone, foi esse o discurso dele.

Então, é por isso que nos reunimos para agradecer e reconhecer, para todos se manifestarem, agradecendo e elencando esses grandes feitos e sendo aplaudido pelos que comungam conosco, que pensam conosco.

Parabéns pela feliz ideia de realizar esta sessão, pelo êxito e pela justa homenagem prestada a essas figuras de destaque para nós e para Deus, para a eternidade.

Um abraço e que Deus abençoe a todos! (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Obrigada, deputado Aderbal. Concedo a palavra a vereadora Marta Rodrigues para uma breve saudação. Quero registrar: recebi o comunicado do deputado Nelson Pelegrino, justificando a sua ausência pela impossibilidade de sair hoje, ainda, nessa manhã, da Câmara de Deputados, lá em Brasília.

A Sr.^a MARTA RODRIGUES: Bom dia a todas e todos, quero saudar a Mesa, saudando essa amiga, deputada Maria del Carmen, que, com muita justiça, realiza hoje esta sessão, que é mais do que especial, é especialíssima, quando a gente vai buscar a memória, e é isso que precisamos fazer, amiga. Serei breve, mas vou falar um pouco dessa memória. Que é a memória de todos esses homens e mulheres, é a gente também saber de onde nós viemos, o lugar que nós estamos, a gente tem um passado.

E, para ilustrar, aqui, também, ontem fizemos uma audiência para trazer a memória de José Antônio, que foi um dos mártires da Revolta da Conjuração Baiana ou da Revolta dos Búzios, são cinco. E saiu da câmara, morreu ali embaixo, na câmara, envenenado, e a gente precisa mostrar para essa juventude que está aqui, do Capdever, para todos vocês – muitos já conhecem, mas para quem no dia a dia não acompanha quem foram os nossos heróis e as nossas heroínas. E todos esses aqui nos representaram e continuam nos representando. E daí a gente buscar esta história, no momento que nós estamos vivendo, do ataque aos direitos humanos, é fundamental.

Eu estou lá na Câmara, amiga, presidindo a Comissão de Direitos Humanos e Democracia, que na Câmara não existia, nós criamos agora e, para fazer uma reparação, nós colocamos o nome da comissão Makota Valdina Pinto, porque a gente tem que fazer reparação. (Palmas) Buscando também avançar nesses erros. Foi uma vereadora que cometeu também um desrespeito muito grande à nossa Makota Valdina, e daí nós colocamos o nome da comissão – e é esse nome que nós queremos também lembrar, celebrar no dia a dia. E, como bem disseram aqui o professor Eduardo e o Padre Oliveira, a experiência também de Dom Helder, que nos pauta, que nos anima para que a gente a mantenha viva na defesa e na garantia dos direitos humanos, que esse é o caminho. Nós precisamos, cada vez mais, radicalizar na luta dos direitos humanos e da democracia.

E não poderia deixar de dizer: se tem um que está injustiçado e que nós precisamos trazer todos esses movimentos que estão aqui, dentre tantos outros, para a gente fazer reparação dessas injustiças, é o nosso querido presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Então, Lula livre! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Obrigada, vereadora Marta Rodrigues, minha amiga, companheira de caminhadas.

Eu quero, antes de concluir definitivamente, convidar todos para ouvirmos o Hino da Bahia. E quero agradecer ao nosso gabinete, especialmente a Roberto, que, junto ao Padre Ferdinando, organizaram, se mobilizaram, aos demais membros do gabinete, mas, de forma especial, a Roberto pelo trabalho, pela dedicação e pelo esforço para a realização desta atividade. (Palmas)

Agradecer também pela presença de todos os senhores e senhoras. E convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

No próximo dia 7, nós teremos o grito dos excluídos, importante relembrar e convidar todos e todas neste momento que a gente atravessa no Brasil, muito importante estarmos todos presentes dizendo da necessidade de observarmos o que está acontecendo e lutarmos por isso.

Considero, em nome da ALBA.... Amanhã, pela manhã, nós teremos também uma sessão especial aqui nesta Casa, Roberto me lembra, sobre a questão da habitação e desenvolvimento urbano; trataremos juntamente ao Congresso Nacional, ao deputado Joseildo Ramos, deputado federal pelo estado da Bahia. Estaremos realizando esse debate, essa discussão sobre a questão da extinção do Programa Minha Casa, Minha Vida, que trouxe tantas possibilidades a tantas famílias de terem acesso à habitação, e infelizmente esse governo realiza mais um desmonte.

Portanto, em nome da ALBA, agradeço a presença das autoridades civis, das Sr.^{as} e dos Srs. Deputados, da imprensa e declaro encerrada a presente sessão, agradecendo a todos por aqui estarem conosco até este momento.

Muito obrigada!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.